

An abstract painting of a face, rendered in a style reminiscent of expressionism or cubism. The face is composed of various colors: a yellowish-brown forehead, dark eyes, a red and pink mouth, and a white nose. The background is a vibrant teal. The painting is characterized by thick, expressive brushstrokes and a dense network of overlapping lines in various colors, including pink, red, yellow, and blue. The overall effect is one of intense emotion and psychological complexity.

mojo
BOOKS

GALORE recontado por Paula Schütze
THE CURE



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

The Cure
GALORE
recontado por
PAULA SCHÜTZE

AGOSTO DE 2008
VOLUME 75

MOJO
BOOKS

The Cure

GALORE

recontado por:

PAULA SCHÜTZE

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA DESTA EDIÇÃO: **BASE-V**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Why can't t be you?
2. Catch
3. Just like heaven
4. Hot hot hot!!!
5. Lullaby
6. Fascination street
7. Lovesong
8. Pictures of you
9. Never enough
10. Close to me
11. High
12. Friday i'm in love
13. A letter to Elise
14. The 13th
15. Mint car
16. Strange attraction
17. Gone!
18. Wrong number

THE CURE GALORE

LANÇAMENTO: **1997**
SELO: **ELEKTRA/WEA**



GALLORE

(Somos resultado das nossas escolhas. A cada segundo que passa, passa também uma oportunidade de fazer diferente e mudar o curso das coisas ou de fazer a mesma coisa de sempre e permitir que a rotina continue nos levando ao mesmo *fuckin' nowhere* de sempre.)

Esta noite, por volta das duas e quinze da manhã, fiquei parada embaixo da sua janela. Foram pelo menos três cigarros antes que eu fizesse a meia-volta e chamasse um táxi do primeiro orelhão que encontrei. Antes que o carro chegasse, fiquei olhando para as sete janelas, todas de andares diferentes, todas com luzes ainda acesas. Uma em sete chances de jogar a pedra na janela certa. Esqueci o andar em que você mora, e dessa forma tive a oportunidade de mudar o curso das coisas; apagar o cigarro na tampa do bueiro e ir pra casa como se você nunca tivesse existido. Depois das três, caí em sono profundo. Acordei com o barulho do telefone, lá na sala: alguém avisou que você havia morrido. Foi melhor assim.

A sua presença nunca fez diferença pra mim. Começo a crer que as pessoas valem alguma coisa na nossa vida única e exclusivamente pelo valor que nós lhes damos. Por si só, certas pessoas não valem nada.

Enquanto brincava com o papel amarelo amassado por entre os dedos, tentei puxar pela memória alguma coisa boa que me permita lembrar de você daqui algum tempo. O máximo que consegui — e não tivemos tão pouco tempo assim — foi lembrar daquela noite absurda em que você correu atrás de mim por duas quadras para, na terceira esquina, dizer que

eu era tudo o que você queria e blabláblá. Tive vontade de chorar — não sou o tipo de pessoa tudo-que-alguém-quer. Já estava quase amanhecendo. Depois daquele dia as coisas nunca mais foram normais. Ou boas.

No *post-it*, sua letra de forma: “não me espere, vou chegar tarde”. Guardei tudo de novo na sacola do supermercado, sua cerveja, meu vinho e três croissants de presunto. Voltei para casa, não tinha mais fome.

Mas havia uma parte (burra) em mim que ainda acreditava no poder-certo. No meu universo de Cinderela, eu preferia achar que as histórias difíceis eram *meant to be*, como nos filmes. Com você, finalmente percebi que histórias difíceis são difíceis porque nascem fadadas ao fracasso, nunca ao sucesso.

Às vezes, eu era dominada por cinco ou dez minutos de lucidez e tinha plena consciência de que nada nunca fez sentido. Nunca nada funcionou, nós nunca demos certo de verdade. Mas alguma coisa me cegava os pensamentos durante o resto do dia e eu preferia suspirar achando que qualquer dia destes, no meio de uma tempestade, numa manhã cinza de quarta-feira, você descobriria que fomos feitos um para o outro.

E foi justamente numa manhã cinza de quarta-feira que o telefone tocou. “Mark morreu. O enterro será ao meio-dia, no Cemitério Vertical”. Era seu irmão, com a voz nitidamente trêmula. Vocês nunca se deram bem, não é? Lembro daquela vez em que brigaram e você passou três semanas na minha casa, com a mesma calça jeans. A mesma jaqueta verde. Minha

mãe te comprou meias e cuecas no hipermercado.

Vocês nunca se deram bem, mas ele estava nitidamente abalado. Quando entrei no carro, as mãos de Jake tremiam sobre o volante. Odeio falar nessas horas — você sabe melhor do que ninguém o quanto sou péssima pra conversas assim, quantas cartas minhas recebeu, com linhas e mais linhas sobre coisas que eu não conseguia falar. Odeio falar, mas precisava saber o que aconteceu.

“Não sabemos ao certo. Haverá uma investigação policial. Foi estrangulado e...”. Psssh. Pedi a Jake que se calasse. Não queria saber mais detalhes. O que estava feito, estava feito: fiquei olhando pras luzes do seu prédio na noite passada enquanto alguém matava você, Mark.

Não, você não era do tipo fácil, não deixaria alguém entrar em sua casa e simplesmente te matar sem ao menos uma boa explicação. Você tinha uma namorada nova? Secreta? Alguma amiga minha? Você estava saindo com alguém? Não, impossível, passamos o final de semana atrasado juntos, seu telefone não tocou nenhuma vez. Jogo? Drogas? Deus, você não andava se drogando não, Mark, diga que não — ok, estou parecendo a sua mãe... outra vez... mas quem fez isso, Mark? Se eu tivesse jogado a pedra na sua janela, se eu não tivesse entrado naquele táxi, eu teria evitado? Chegaria na sua casa e daria de cara com a sua futura assassina? Uma loira platinada, com brincos enormes e a bunda mais perfeita do mundo, enfiada numa calça jeans skinny dois números menores... não, Mark, com quem você andou

por estes dias? Será que...

Meus pensamentos foram interrompidos pela freada brusca. Jake estava desnordeado e desatento, quase bateu num táxi. Um táxi... aquele que eu não deveria ter chamado na noite anterior.

Você estava lindo. Porra, Mark, até morto você fica lindo! Desculpe não ficar mais tempo dentro daquela sala tão pequena. Me cortou o coração ver a sua mãe, o Jake e a pequena Sally, os três esvaídos em lágrimas.

Do lado de fora, sentada numa bancada de cimento, tive vontade de te dizer: sua presença fez diferença pra mim. Aqueles anos insanos, turbulentos, agora são também inesquecíveis. Se eu pudesse voltar no tempo, talvez não os quisesse de novo, mas voltaria o relógio em apenas um dia pra poder te salvar...

Que merda! Vão enterrar você, Mark. Quem teve essa idéia estúpida de te botar num cemitério vertical? Você não deixou isso escrito em testamento, deixou? Bah, quanta bobagem, você odiava fazer planos, jamais escreveria testamento. Testamento de quê? Da sua coleção de latinhas de cerveja empilhadas em pirâmide sobre a estante da sala? Nem CDs você comprava mais, com essa sua mania de baixar quantidades absurdas de coisas pela Internet.

O almoço, depois do enterro, foi péssimo. Sua mãe parecia estar em outro planeta enquanto a pequena Sally, sem entender muito bem, devorava batatas fritas. Quando ela crescer, já teremos a história completa para

contar: Sally, seu pai foi morto por... não. Janis não faria isso. Eu sempre achei fria, mas ela ao menos mandou um telegrama lá da fazenda. Provavelmente vai passar o resto da vida ordenhando as vacas daquele marido caipira. Milionário, mas caipira.

Dois meses depois, Jake passou em casa. Tive de arrumar tudo depressa — desde que você morreu, comecei a revirar meus armários, gavetas, me desfazer de coisas que lembravam você. Não gosto de cultivar objetos, só lembranças.

Estava, aliás, te escrevendo essa carta quando ele chegou. Estava ainda muito abatido, não nos vimos mais desde o fatídico dia. “Preciso desabafar”. Abri uma garrafa de uísque, eu não gosto de tomar uísque, mas naquela noite, entre um gole e outro, eu não sei o que aconteceu, Mark. Acordei no outro dia, eu e Jake na minha cama, alguma coisa curiosa aconteceu naquela noite. E na noite seguinte também, sem uísque nem nada.

Jake é um cara legal. Vocês não se davam bem, seu temperamento apático não batia com o dele, tão expansivo, sempre de bem com a vida. Fomos ao cinema, teatro, passamos um feriado no apartamento da praia, conheci os amigos dele, ele conheceu os meus. O tempo passou, Mark, não sei se devo me desculpar ou apenas dizer o quanto Jake me faz bem.

No final de semana passado ele se mudou pra cá. Pintamos a parede da sala de laranja, ele trouxe uns quadros, ficou bacana. Sabe aquele meu universo de Cinderela? Parece que com o Jake é tudo de verdade. Ele tem piadas ótimas, bom gosto para vinhos e uma coleção incrível de vinis. Um intelectual vestindo jeans e tênis.

Importante: a Sally está bem. Domingo a levamos ao zoológico, você sempre tinha preguiça daquele clima família e algodão doce. Ela se divertiu horrores! Esta semana ela vai pro interior passar o mês com a Janis. Já a sua mãe... bom, ela tem dias e dias. As investigações sobre a sua morte foram suspensas. Ela mesma pediu, foi até a polícia, acertou tudo com os advogados, alegando que era muito sofrimento para uma vida só.

O Jake também melhorou, nem de longe parece aquele cara com a barba por fazer e as olheiras enormes que foi me buscar em casa no dia do seu enterro, Mark. Parou de fumar há algumas semanas. Inevitável lembrar de quando você resolveu largar o cigarro. Foram sete ou oito vezes? Eu bolava mil planos, programas, tentava te distrair de tantas formas diferentes e você sempre me olhando com aquele cara “não adianta, Kate, não vai funcionar”.

Hoje estava voltando do trabalho e passei em frente ao seu prédio. Fiquei, de novo, parada embaixo da sua janela. Ou melhor: daquela que era a sua janela. Tem outra pessoa morando lá agora, fico imaginando se pintaram as paredes descascadas do seu quarto, se trocaram a porta destruída do

seu box. Cheguei em casa e, como Jake está viajando por estes dias, resolvi terminar esta carta. Eu comecei a escrevê-la para contar uma coisa.

Mark, sabe tudo aquilo que você não fazia por mim? Deixei de sentir falta. Dos meus livros que você lia sem o menor cuidado, devolvendo sempre com orelhas de burro, meus marcadores de página perdidos, todas as vezes em que te esperei pra jantar e você chegou tão atrasado que eu já tinha ido pra casa dormir, todas as vezes em que te pedi um abraço e você me falou que eu era uma boba, uma manteiga derretida, todas as vezes em que você terminou comigo porque não resistia a um rabo-de-saia, não sabia ficar sozinho e também não sabia ficar só comigo. O último CD do Cure que você não me comprou, as férias que não tiramos juntos, a música que você nunca escreveu pra mim, as mensagens de celular que você não respondia, as ligações que não retornava.

Jake faz tudo. Ele confessou, antes de viajar, que me ama. Tivemos uma longa conversa sobre essa coisa maluca que nos aconteceu. Ele disse que me ama desde sempre, aliás, desde o dia em que botei pela primeira vez os pés na casa da sua mãe e ele estava lá, brincando com a pequena Sally, sua mãe fazendo o almoço, eu ajudei a arrumar os pratos na mesa. Lembra? Nem eu lembrava, mas Jake sim. Ele lembrou, inclusive, que naquela época eu ainda usava os cabelos pintados de vermelho, quase iguais aos meus sapatos...

só um pouco de mim enquanto ele, em silêncio, no quarto ao lado, na ponta da mesa, na poltrona de trás, esperava por dias como estes, que vivemos hoje.

Comecei a encaixotar algumas coisas. Vamos mudar para um apartamento maior. Teremos um quarto somente para o som e a tevê, não é ótimo? Mandaremos fazer uma estante enorme onde poderei colocar todos os meus filmes, CDs e livros. Jake quer encher as paredes com nossa coleção de pôsteres.

Pois bem: estava encaixotando algumas coisas e achei uma porção de palavras cruzadas. Lembrei daquele verão chuvoso, dias a fio trancados no apartamento da praia tentando adivinhar palavra sobre palavra. Algumas revistas são tão velhas que as pontinhas das páginas já amarelaram. No meio daquilo tudo, uma folha de brochura branca, nitidamente jogada ali há pouco tempo.

“Esta noite, por volta das duas e quinze da manhã, fiquei parado embaixo da sua janela. Foram pelo menos três cigarros antes que eu fizesse a meia-volta e chamasse um táxi do primeiro orelhão que encontrei. Antes que o carro chegasse, fiquei olhando para as sete janelas, todas de andares diferentes, todas com luzes ainda acesas. Uma em sete chances de jogar a

pedra na janela certa. Esqueci o andar em que você mora, e dessa forma tive a oportunidade de mudar o curso das coisas; apagar o cigarro na tampa do bueiro e ir pra casa como se você nunca tivesse existido. Depois das três, caí em sono profundo. Liguei para Kate logo cedo, a polícia havia tirado o seu corpo de lá. Quem encontrou? A faxineira.”

Não foi difícil. Pelo menos é o que Jake diz. Ele jura que só queria te contar a verdade, falar sobre mim, mas quem começou a gritar foi você.

Preciso ir agora. Vou arrumar Sally, Janis vem buscá-la no final da tarde.

Com amor,

Kate.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br